

Americanos adiam juro alto. No Brasil, a taxa pode cair

Efeito da queda beneficiará consumidor apenas quando atingir 10% ao ano, prevê presidente da Fecomércio do DF

José Negreiros
e Ricardo Leopoldo
Da equipe do **Correio**

São Paulo — O Brasil vai aproveitar o cochilo de Alan Greenspan, presidente do Federal Reserve (Fed, o banco central americano), que preferiu deixar para aumentar os juros mais tarde, se a inflação persistir. Dirigentes de grandes bancos, acreditam que Armínio Fraga, do Banco Central (BC) brasileiro, derrubará hoje no final do dia os juros básicos (taxa cobrada para empréstimos entre bancos) internos pela sétima vez este ano. A taxa cairia para 23% ou 24%, longe dos 45% de quando ele assumiu, em março.

Se isso acontecer, o comércio brasileiro terá motivos para comemorar, pois nesses quase três meses as vendas de eletrodomésticos, um dos setores mais dependentes de financiamento barato para sobreviver, estagnaram. Os negócios com automóveis mantêm-se graças à captação de recursos externos, por intermédio de financeiras ligadas às montadoras.

A boa notícia de que os juros deverão baixar novamente tornou-se concreta depois da decisão de ontem do Fed. A exemplo do que já antecipara Fraga, o diretor de política monetária do BC, Luiz Fernan-

do Figueiredo, disse ontem que os temores americanos de volta da inflação não deverão ter repercussão no Brasil.

Os dois economistas explicaram que as condições favoráveis para a queda do preço do dinheiro no Brasil foram criadas pela melhoria dos números relativos às contas públicas. No primeiro trimestre, o governo conseguiu uma economia de R\$ 9 bilhões no orçamento quando havia prometido ao Fundo Monetário Internacional (FMI) apenas R\$ 6 bilhões. Além disso, a taxa do dólar continua estável, na faixa de R\$ 1,65, e a inflação está sob controle.

CAUTELA

Para o ex-presidente do BC, Gustavo Loyola, a decisão americana de admitir uma alta de juros no futuro foi atitude meramente preventiva. Luis Paulo Rosenberg, da Linear Investimentos, tem a mesma opinião: a menos que a bolsa dos Estados Unidos caia muito de uma hora para a outra — ressuscitando o nervosismo típico de crises como a moratória russa de agosto passado —, existem boas condições para que a taxa seja reduzida ainda mais.

Ele aposta que se o clima continuar favorável, até o final do ano os juros baixarão mais, ficando en-



tre 14% ou até mesmo 12%, previsão mais otimista do que a do ministro da Fazenda, Pedro Malan. “Armínio está fazendo um ótimo trabalho. Recuperou a credibilidade do governo junto ao mercado porque dirige um BC que não atrapalha.”

Para o presidente da Federação do Comércio do Distrito Federal (Fecomércio), Sérgio Koffes, os juros só atingirão uma patamar confortável quando ficarem mais baixos do que os de outubro de 1997, véspera da crise asiática, quando estavam em 20% ao ano. Segundo ele, o comércio sentirá efeito positivo quando a taxa cair para 10%, por exemplo. Hoje em dia, lembra, as pessoas compram pouco porque o cheque especial é muito caro e as lojas não têm condições para dar descontos, uma prática comum no passado, depois que a inflação se estabilizou abaixo de 10% ao ano.

A exemplo de Koffes, o economista Celso Martone, da Universidade de São Paulo, acredita que por enquanto a queda dos juros ainda não representa alento significativo para a economia brasileira há dez meses em recessão. “Isso só acontecerá quando os juros caírem para algo entre 8% a 10% ao ano.”

Nos Estados Unidos, a notícia de que Fed pode aumentar os juros a qualquer momento derrubou ligeiramente a bolsa de valores de Nova York, que fechou com queda de 0,1% e os bônus do Tesouro de 30 anos. Parte dos investidores venderam ações para aplicar em títulos públicos, contribuindo para reduzir a remuneração paga pelo Tesouro americano. A repercussão no Brasil, contudo, não foi negativa: a bolsa de São Paulo fechou em alta de 0,96% com um volume de negócios de R\$ 897 milhões.